

## Resenha de “Por linhas tortas: análise de Quincas Borba de Machado de Assis”

Juracy Ignez Assmann Saraiva \*

Graduada em Letras pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos; Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Doutora em Teoria Literária pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1990) e realizou Pós-Doutorado em Teoria Literária, na Universidade Estadual de Campinas (2000). É professora e pesquisadora na Universidade Feevale.

 <https://orcid.org/0000-0003-1783-2850>

**Recebido em:** 10 mai. 2022. **Aprovado em:** 09 dez. 2022.

### Como citar esta resenha:

SARAIVA, Juracy Ignez Assmann. Resenha de “Por linhas tortas: análise de Quincas Borba de Machado de Assis”. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 11, n. 4, p. 202-204, dez. 2022. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.8045216>

DIXON, Paul. *Por linhas tortas: análise de Quincas Borba de Machado de Assis*. São Paulo: Nankin, 2020. 184 p.

Um ensaio crítico deve ser um exercício hermenêutico e constituir, portanto, um processo criativo que decorre de outra criação e, a partir dela, se efetiva. É isso que o leitor encontra em *Por linhas tortas: análise de Quincas Borba de Machado de Assis* (2020), livro de Paul Dixon, pesquisador da Purdue University, editado pela Nankin. No provérbio “Deus escreve certo por linhas tortas”, o autor identifica o padrão criativo central e unificador do romance *Quincas Borba*, o qual é depreendido tanto na visão de mundo, aí representada, quanto nas particularidades da composição do texto.

Inserindo seu estudo em uma perspectiva fenomenológica, “na medida em que ressalta a mentalidade das personagens”, situadas em um contexto determinado, Dixon refere que elas se projetam “como seres no mundo” (p. 19), no sentido espacial e temporal, construindo uma linha que, em vez de ser fixa e reta, toma rumos imprevisíveis, tornando-se uma linha torta. Assim, estabelecendo uma relação entre o mundo fictício e a sociedade oitocentista, Dixon mostra, na emergência de situações, na composição das personagens, em ritos sociais, a oposição entre o

---

\*  [juracy@feevale.br](mailto:juracy@feevale.br)

reto e o torto ou entre o direito e seu avesso. Paralelamente, sublinha que a inter-relação subjetiva se alia à interrupção, visto que as personagens, em seu confronto com o outro, tornam-se suscetíveis às influências alheias, isto é, às mudanças de rumo que promovem a tortuosidade da linha. A partir dessa percepção, Dixon assume que o aforismo “escrever direito por linhas tortas” não só explica a execução do romance como também revela a visão de mundo de Machado de Assis, para quem o ser humano, apesar de traçar objetivos para sua existência, é submetido a um imenso mundo intersubjetivo (p. 34), que conduz a novas associações e a novos rumos.

Segundo o analista, essa convicção ajustar-se-ia à enunciação da narrativa, concretizada na voz de um narrador heterodiegético onisciente que recorre ao monólogo interior para dar vazão às associações livres das personagens e às suas próprias. Ainda sob o ângulo da composição discursiva, Dixon sublinha a adequada configuração do narrador de *Quincas Borba*, cuja opção técnica é questionada pela crítica, justificando sua natureza aparentemente impessoal e digressiva pelo padrão que ordena a narrativa e que, segundo ele, não constitui um retrocesso formal do escritor.

O modelo das linhas retas que se tornam tortas é visualizado também na filosofia de Humanitas, explicada pela alegoria das tribos famintas, na construção de situações paralelas, na grande rede de relações intertextuais, na justaposição de pares de personagens (Quincas Borba filósofo e Quincas Borba cão: Rubião e Carlos Maria; Freitas e Carlos Maria; Maria Benedita e Tonica; Sofia e D. Fernanda), no discurso paródico, no jogo irônico que incide sobre os clichês do discurso clássico, representado, em *Quincas Borba*, pela apropriação e transformação de “ao vencedor, os despojos” (p. 33) em “ao vencedor, as batatas” (p. 33).

Outro ângulo instigante da análise refere-se ao jogo social, realizado, no romance, “em salas e jardins, nos coupés e nas ruas, um jogo de fomes e satisfações, de vencedores e de vencidos” (p. 83) em que o vestuário de Sofia serve para explorar o erotismo, presente na narrativa, e em que se mostram os desvios do comportamento de Palha como “proprietário” de Sofia. A concepção da vida social, representada no romance por meio de um processo de devoração, é explicada por Dixon pela relação das personagens com o Humanitismo: todas têm fome, a qual pode ser de propriedades, de poder, de visibilidade, de sexo. Sob esse aspecto, ele indica a importância de D. Fernanda que remove “as bases sólidas do esquema de Humanitismo, tornando-o [...] uma mera diversão fictícia, e não um programa sério com fundamento epistemológico estabelecido” (p. 111), inovando, assim, a compreensão que os estudiosos de Machado têm sobre a funcionalidade dessa personagem na narrativa.

Detendo-se na loucura representada no romance, Dixon refere que ela tem seus próprios desvios, exigindo que o leitor faça comparações entre a loucura de Rubião e a de Quincas Borba, para concluir que os sintomas são relativos e que a definição de normalidade é arbitrária e que ela é explicitada, como no “Alienista”, pelas pessoas poderosas.

A exclusão ou o silenciamento dos escravos do âmbito das ações, visto que são apenas mencionados por suas tarefas, é, conforme elucida o estudioso, muito significativa na composição do romance. Ele afirma que, por um lado, as personagens se relacionam com elementos não humanos, o que pode ser exemplificado pelos diálogos de Rubião com o cachorro ou de Sofia com as rosas, sendo ressaltada sua relação com o entorno; mas, por outro lado, as personagens ignoram a presença dos escravos, que parecem não fazer parte do contexto. Segundo Dixon, “ao banir os escravos ou ex-escravos ao terreno dos fundos e das sombras, terrenos sem diálogo, sem verdadeiras interações sociais, o texto convida o leitor a descobrir o que está em falta” (p. 155). Dixon, portanto, enfatiza a estratégia de Machado de Assis para lidar com o problema da escravidão que, exatamente por ser omitido, ganha uma relevância inquestionável, obrigando o leitor a buscar respostas para essa lacuna no contexto social.

Com *Por linhas tortas*, Paul Dixon expõe o aspecto sistemático da visão de mundo e do processo criativo do escritor brasileiro no romance citado e revela o universo da interação subjetiva das personagens. Esboça um retrato da burguesia fluminense e elabora um diálogo intertextual, investindo na exposição de traços do humano e provocando a interação do leitor, que deve trilhar uma leitura marcada por desvios, retrocessos, pausas e correções.

Esta obra junta-se a *O chocalho de Brás Cubas: uma leitura das Memórias póstumas*, a *Os contos de Machado de Assis: mais do que sonha a filosofia*, a *Retired Dreams: Dom Casmurro, Myth and Modernity* e a incontáveis artigos e capítulos de livros que comprovam a lucidez e a criatividade com que o pesquisador norte-americano explora os textos machadianos. Dedicando-se a Machado de Assis durante mais de quarenta anos, Paul Dixon produz, na obra em foco, uma análise original que a elucida e a atualiza, sugerindo novas possibilidades de interpretação.